

A moral cristã, de que a cultura europeia é depositária (mesmo inconscientemente), responde sem hesitação à questão da legitimidade do lucro; a bolsa comum dos Apóstolos serve bem para ilustrar como a posse do “vil metal” é irrelevante para a salvação da alma. Foi, na verdade, o advento da técnica (destruidora da metafísica por excelência) que começou a valorização da riqueza – e isto já desde a burguesia mercantilista que, com e a favor da sua “livre iniciativa”, fomentava grandemente a empresa dos Descobrimentos.

A sociedade capitalista e a economia livre só vieram confirmar e estender ao máximo esta tendência, profundamente apegada ao progresso material. É que ninguém ignora que, na atualidade, a riqueza é a prova da concretização da ascensão social (assim também para a burguesia mercantilista). Para o pobre, a riqueza é a miragem, a possibilidade de uma vida melhor, a luta pela riqueza torna-se o sentido da sua vida. O modo da luta pouco interessa – ou então como é que tantas carteiras palpitariam com extração das bolas da lotaria? Sem dúvida que, para o homem contemporâneo, a fé está toda no dinheiro!

Mas, se uma mudança de valores levou à valorização da riqueza, assim também a riqueza cunhou uma nova nota na história do pensamento moral. Agustina disse-no-lo: mesmo só o hábito da riqueza torna o homem indiferente, insatisfeito. Eis o ensejo da iniciativa revertido em garante da inação! Atingido o objeto, a riqueza aliena o homem, dá-lhe a sensação de “missão cumprida”. Basta ver a indiferença com que o rico dá esmola: a caridade tornou-se uma necessidade social de mostrar interesse, sem enobrecer (pelo espírito de sacrifício) o doador.

Assim, a riqueza é em si ação e inação. A conquista da riqueza tornou-se sinónimo de felicidade futura – mas não há dinheiro que compre uma morte feliz!

Marcos José Oliveira Helena, Escola Secundária José Afonso, Loures